

SENTIR EM REDES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sentir em redes : o advento da sensibilidade transorgânica / organizado por Eli Borges Junior, Massimo Di Felice ; traduções de Julliana Cutolo. – São Paulo : Paulus, 2026.
(Coleção Cidadania Digital)

ISBN 978-85-349-6099-1

1. Tecnologia – Aspectos sociais 2. Ciências sociais 3. Redes sociais on-line I. Borges Junior, Eli II. Di Felice, Massimo III. Cutolo, Julliana IV. Série

26-0784

CDD 303.483

Índice para catálogo sistemático:

1. Tecnologia – Aspectos sociais

Coleção CIDADANIA DIGITAL

Coordenação: Eli Borges Júnior; Massimo Di Felice

- *O mundo dado: cinco breves lições de filosofia digital*, Cosimo Accoto
- *A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais*, Massimo Di Felice
- *Sentir em redes: o advento da sensibilidade transorgânica*, Massimo Di Felice; Eli Borges Júnior (orgs.)

Massimo Di Felice
Eli Borges Junior
(orgs.)

SENTIR EM REDES

O advento da sensibilidade transorgânica

Traduções de Julliana Cutolo



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Tarsila Doná

Darlei Zanon

Design

Leonardo Cerretti

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo **PAULUS**
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6099-1

*Para Mario Perniola,
filósofo do sentir.*

ÍNDICE

- 9** APRESENTAÇÃO | SENTIR EM REDES:
DAS ESTÉTICAS COMUNICATIVAS À TRANSORGANICIDADE
Massimo Di Felice e Eli Borges Junior
- 15** PARTE I | SENTIR EM REDES
- 17** I. A comunicação da não comunicação
Mario Perniola (Universidade de Roma "Tor Vergata", Itália)
- 23** II. Aoristos: a matéria ilimitada e o sentir em redes
Massimo Di Felice (Universidade de São Paulo, Brasil)
- 41** III. Pós-verdade e o *sex appeal* das imagens:
da ideologia à sensologia
Eli Borges Junior (Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil)
- 57** IV. Sensologia, sentir inorgânico, tornar-se sentir
Enea Bianchi (Universidade de São Paulo, Brasil)
- 67** V. O sentir e seus desdobramentos
Lucia Santaella (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil)
- 85** PARTE II | SENTIR NAS REDES
- 87** VI. O cuidado digital e o sentir transorgânico
Silvia Surrenti (Universidade de Florença, Itália)
- 105** VII. Sentir a morte: internet, performance
e cadáver na extraestética da narcoviolência no México
José Alberto Sánchez Martínez
(Universidade Autônoma Metropolitana do México, México)
Antonio Sustaita (Universidade de Guanajuato, México)
- 135** VIII. *In Utero*: sentidos, sentir e interioridade na realidade virtual
Antonio Rafele (Universidade de Roma "La Sapienza", Itália)
- 149** IX. Dançar fora do corpo:
estética contemporânea e "nova" dança italiana
Caterina Di Rienzo (Universidade de Roma "Tor Vergata", Itália)

- 173** X. Um sentir que não morre: sobre o pensamento filosófico e artístico diante da crise da experiência
Luigi A. Manfreda (Universidade de Roma "Tor Vergata", Itália)
- 185** SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS
- 189** ÍNDICE REMISSIVO
-

APRESENTAÇÃO

Massimo Di Felice
Eli Borges Junior

SENTIR EM REDES: DAS ESTÉTICAS COMUNICATIVAS À TRANSORGANICIDADE

Em diversas obras, o filósofo italiano Mario Perniola, falecido em 2018, analisou as transformações de nossa época como algo caracterizado não apenas pelas mudanças de paradigmas estéticos e conceituais, mas também pelo advento de um outro tipo de experiência sensorial. Essa nova condição seria caracterizada pela passagem de um sentir pessoal e subjetivo para um sentir impessoal e inorgânico, também entendido como a alteração do local e da ecologia da experiência perceptiva para além do corpo biológico do próprio ser humano. Se a Modernidade foi caracterizada pela experimentação inovadora de formas estéticas de percepção externas ao indivíduo – como o cinema, a performance, as instalações etc. – e, em alguns casos, pela inauguração de formas estéticas colaborativas ou “abertas” (U. Eco), produzidas a partir da colaboração entre autor e espectador – como o dadaísmo, o cubismo e a dodecafonía –, em épocas mais recentes, as inovações tecnológicas e o incremento de formas de conectividade, por meio da disseminação de redes e arquiteturas informativas, produziram a alteração da experiência sensorial, promovendo formas inorgânicas do sentir e permitindo a instauração de um inédito tipo de “sentir transorgânico”, nem propriamente subjetivo, nem propriamente tecnológico.

A descrição desse novo tipo de sensologia encontra na obra de Perniola duas definições principais: o “sentir inorgânico” e o “tornar-se sentir”. A primeira definição refere-se ao deslocamento da

experiência do sentir da esfera orgânica para aquela inorgânica. Em sua obra *O sex appeal do inorgânico*, o filósofo italiano refere-se a esse fenômeno como uma transformação que altera a experiência senciente do indivíduo tornando-a próxima àquela de uma “*coisa que sente*”, ou seja, a algo impessoal, nem orgânico, nem completamente inorgânico. Já a segunda definição, analisada na obra *Do Sentir*, é explicada como um “tornar-se” que dá ao ator senciente a condição de espaço e veículo da experiência sensorial: um “tornar-se sentir”.

Em nossa contemporaneidade, a difusão de substâncias sintéticas como a quetamina em festas *raves* – a qual provoca uma sensação anestésica capaz de impossibilitar os movimentos –, assim como a filmagem e o compartilhamento nas redes de nossas experiências cotidianas sociais e íntimas, evidencia a emergência de formas inéditas do sentir e o pioneirismo da análise de Perniola, que elaborou essas teorias no início da década de 1990. Na perspectiva do filósofo, a experiência perceptiva de fruição subjetiva e estética tornar-se-ia impessoal e transorgânica, abrindo a sensologia a uma nova morfologia e a um formato ecológico, reticular e não mais antropocêntrico. O sentir torna-se, assim, um sentir não mais exclusivamente individual e orgânico, mas algo construído em rede pela contínua hibridação entre superfícies, substâncias, tecnologias e experiências.

Essa alteração transformaria, além de nossa arquitetura perceptiva, também a dimensão social, com consequentes impactos nas relações e na esfera política. Abre-se aqui um amplo campo de investigação que permite analisar as dimensões impessoais e transorgânicas dos processos de decisão coletivos, que teria hoje como um de seus emblemáticos exemplos as estruturas de *blockchain*, arquitetura interativa impessoal e transorgânica, pois composta de dados, algoritmos, *softwares* e pessoas.

A análise da obra de Perniola sugere ainda uma nova chave de leitura sobre os próprios significados do sentir e suas distinções em relação ao pensar, abrindo possibilidades para concebermos o conhecimento e nossas relações de significação para muito além (ou

aquém) daquelas da consciência e do raciocínio lógico. Com isso, seus textos seriam produzidos como uma espécie de aventura que buscaria desafiar a teoria do conhecimento e a filosofia da ciência, sugerindo caminhos alternativos àqueles oferecidos pelo cartesianismo e suas formas de determinar o que é verdadeiro no mundo.

Inspirado por essa aventura de Perniola, este livro é dedicado ao sentir e a suas (novas) modalidades contemporâneas na relação com dispositivos e tecnologias digitais cada vez mais presentes: *smartphones*, *tablets*, realidade virtual, realidade aumentada, inteligência artificial (e suas várias espécies e aplicações). Em que medida esses recursos alterariam nossa capacidade de sentir? Como a sensibilidade seria ressignificada a partir da profusão de imagens a que hoje somos expostos, que produzimos ou que modificamos? Com o objetivo de oferecer chaves de leitura para esses temas, a obra apresenta um conjunto de textos de professores e professoras brasileiros e estrangeiros que trazem enquadramentos oferecidos pelos contextos culturais onde lecionam: Brasil, México, Itália e Irlanda.

Atravessando direta ou indiretamente a obra de Perniola, buscam se somar a essa aventura, debruçando-se sobre novas possibilidades e intensidades do sentir nesta época de algoritmos, inteligências múltiplas e datificação da vida. É nesse sentido, portanto, que a obra não deixa de ser uma espécie de tentativa de compreensão de um conjunto de crises cujo espectro tem nos coberto de modo ostensivo nos últimos anos. A crise da opinião pública, com o advento do que tem sido chamado “pós-verdade” (*post-truth*), seria apenas uma das reverberações disso, e sua definição mais comum – como circunstâncias em que crenças e visões pessoais passariam a valer mais do que pretensos “fatos”¹ – somente parece nos atestar isso.

A obra está dividida em duas partes. Na primeira delas, “Sentir em redes”, procuramos caracterizar e descrever a experiência do

1 “Post-truth”. Oxford Living Dictionaries. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>.

sentir não subjetivo bem como a sua intensificação nas últimas décadas. A ascensão das sensações e de sua relevância em relação ao pensar – o que Perniola descreveu, por exemplo, como o movimento entre ideologia e sensologia – leva-nos a problematizar os próprios significados do “sentir” e de “sensação”, assim como das fronteiras entre humano e não humano impostas pelo racionalismo clássico. Nesta primeira sessão, o livro é composto por um texto inédito de Mario Perniola, apresentado no Brasil em abril de 2016, em sua última visita ao país. Esse problema conceitual é então desdobrado a partir dos capítulos de Massimo Di Felice (Universidade de São Paulo), Eli Borges Júnior (Universidade Federal de Juiz de Fora), Enea Bianchi, discípulo de Perniola e grande especialista em sua filosofia (Universidade de Galway) e Lucia Santaella (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), uma das intelectuais precursoras no que diz respeito à temática do sentir e das redes digitais no Brasil.

Já a segunda parte do livro, “Sentir *nas* redes”, procura se debruçar sobre o sentir contemporâneo, bem como seus novos significados a partir de experiências que articulam ações humanas, dispositivos tecnológicos, redes digitais e fenômenos políticos e artísticos. O primeiro texto é de Silvia Surrenti (Universidade de Florença), sobre a noção de saúde digital e de um novo tipo de cuidado. Os professores José Alberto Sánchez Martínez (Universidade Autônoma Metropolitana do México) e Antonio Sustaita (Universidade de Guanajuato) debruçam-se sobre as imagens geradas pela narcoviolência no México, sua circulação nas redes digitais e aspectos de sensibilização e mobilização. Antonio Rafele (Universidade de Roma “La Sapienza”) oferece-nos uma discussão sobre a sensibilidade relacionada à realidade virtual. Já Caterina Di Rienzo (Universidade de Roma “Tor Vergata”) busca repensar a noção de dança – e de arte, em uma perspectiva mais ampla – em diálogo com o sentir “além do sujeito” de Perniola. Por fim, Luigi A. Manfreda (Universidade de Roma “Tor Vergata”), em uma abordagem mais ampla e reflexiva, discute sobre as possibilidades e impossibilidades de uma atual crise do sentir.

Além de abrir um espaço específico de discussões sobre o tema da sensibilidade e das sensações, relegado a segundo plano quando miramos a história do conhecimento ocidental, esta obra envolve um outro desafio, e este ainda mais urgente: o de, ao menos, “ensaiar” possibilidades epistemológicas e posturas metodológicas outras nos estudos interdisciplinares da comunicação. E, ao dizer “ensaiar”, “ensaio” (do latim *exagium*), valemo-nos dos distintos significados do termo, aquele da experiência, da tentativa, do esboço ou mesmo da ação efetiva, como num ensaio teatral, que, apesar de não se igualar à versão final do espetáculo, não deixa já de conter em si algumas cenas e marcações que o pavimentarão. Interessante, portanto, é essa dupla dimensão do termo: construção efetiva sem, todavia, definição absoluta, construção que visa sempre à abertura e que, da abertura, se reinventa. Não menos uma forma de conhecimento: a evolução do termo – como para o italiano *saggio*, “sábio”, “sensato” – talvez já nos denuncie justamente esse seu interessante potencial de “descoberta”.

Trata-se, pois, de temas sugeridos a fim de pensarmos sobre uma concepção nem subjetiva nem apenas humana do sentir, que nos exige, inclusive, uma revisão sobre nossos próprios pressupostos filosóficos. Essa mudança de postura metodológica e a concepção de novas epistemes parecem requerer também formas de conhecer e de saber que deixem de se amparar unicamente em gabaritos lógicos, caminhos que deixem de partir, forçosamente, de uma visão inevitavelmente objetivadora da realidade, que deixem de considerar a desordem, o ruído, o indimensionável, o sensível, o inextrincável, ou mesmo “o complexo” – como diria Edgar Morin – como arenas inválidas à pesquisa científica.

Isso não nos licencia, no entanto, a uma reflexão sem critérios, imprecisa ou sem distinções conceituais: pelo contrário, lança-nos diante do problema da indizibilidade de certas noções e da impossibilidade de definição de determinados paradigmas como caminhos definitivos de explicação. É nesse sentido, portanto, que

procuramos aqui reinterpretar fenômenos de nossa contemporaneidade nos quais as redes digitais parecem desestabilizar práticas e experiências relacionadas às mais variadas esferas da vida.

Mais ainda, a assunção da perspectiva de um sentir não apenas humano, mas também distribuído em redes complexas e transorgânicas, assume um significado particular e urgente no âmbito do aquecimento global e dos eventos climáticos de grandes implicações, que têm se apresentado cada vez mais como eventos portadores de um tipo de sentir e de uma experiência nem apenas humana, nem somente subjetiva.